

REAÇÕES AO ANTI-ISLAMISMO NA BÉLGICA E NO BRASIL: AUTORIA E ANONIMATO NO ESPAÇO VIRTUAL

Pâmela da Silva Lima¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Esse artigo propõe uma análise de discursos de internautas brasileiros e belgas que reagem a uma propaganda contra o islamismo produzida na Bélgica, no início de 2012. Esses discursos estão na forma de comentários, feitos em um site brasileiro e outro belga, e nos detivemos na análise de comparações e metáforas. O objetivo é observar as posições assumidas sobre o tema e a articulação dessas posições pelo processo de autoria. Além disso, questiona se o anonimato, recurso oferecido pelo espaço virtual, influencia ou não o processo de autoria. Para tanto, discutem-se questões como preconceito e anonimato além de noções teóricas na perspectiva da Análise do Discurso pechetiana, como Formação Discursiva, posição de sujeito e autoria.

Palavras-chave: preconceito, autoria, internet.

Résumé: Cet article propose une analyse des discours des internautes Brésiliens et Belges qui réagissaient à une propagande contre l'islamisme qui a été produit en Belgique, au début de 2012. Ces discours sont des commentaires dans deux sites, un Brésilien et l'autre Belge ; et on va analyser particulièrement les comparaisons et les métaphores. L'objectif est observé les positions assumées à ce sujet et l'articulation de ces positions travers le procès d'autorité. Du reste, on se demande si l'anonymat, ressource qui est offerts pour l'espace virtuel, peut ou ne peut pas influencer dans le procès d'autorité. Pour cela, on discute des questions comme le préjugé et l'anonymat, hors des notions théoriques d'Analyse du Discours de Miche Pêcheux, comme la Formation Discursive, la position de sujet et l'autorité.

Mots Clés: préjugé, autorité, internet.

1. Graduanda do curso de Letras-Bacharelado da UFRGS. Este artigo é resultado parcial do projeto de pesquisa "Autoria e interpretação de objetos discursivos", com financiamento PIBIC-CNPq/UFRGS, sob orientação da Profa. Dra. Solange Mittmann.

Introdução

A forma como vemos o outro e se o aceitamos ou não em nosso dia a dia gera diferentes atitudes sociais, de acordo com a época e a cultura. Uma dessas atitudes é o preconceito, quando não se consegue lidar com as diferenças, com o que há de *novo* no outro. Esse assunto é, atualmente, muito debatido na mídia e nos tribunais. Com diversos relatos sobre preconceito contra grupos étnicos e religiosos, homossexuais, transexuais, mulheres etc., o tema vem sendo cada vez mais abordado e combatido. Apesar disso, as manifestações de ódio ainda são recorrentes – especialmente na internet.

O espaço virtual oferece ao sujeito condições para manifestação de preconceito que poucas vezes são oferecidas em outros ambientes. É o caso, por exemplo, do anonimato. São raros os sites que exigem saber informações reais sobre o internauta e, normalmente, exigem apenas porque essas informações serão necessárias em algum processo – o caso dos sites de compras. Mas em blogs e redes sociais, ainda que campos como “nome” sejam obrigatórios, não é exigido do internauta nada que comprove que o nome informado é real. Essa capacidade de se manter anônimo pode influenciar no comportamento do sujeito na rede.

Pensando nisso, refletimos sobre como o anonimato virtual se relaciona com a questão da manifestação do preconceito e com o conceito de autoria sob a perspectiva da Análise do Discurso. Articulando teoria e metodologia, partimos “do texto para analisar o funcionamento do discurso e refletir sobre o processo de sua constituição e materialização” (MITTMANN, 2007, p.160). Nessa perspectiva, acessamos dois sites – um belga e um brasileiro – que postaram reportagens sobre uma recente propaganda contra o islamismo produzida na Bélgica. As duas páginas contêm espaço para comentários, que é de onde retiramos as sequências discursivas para nossas análises. Nesses comentários, os internautas não

só falam sobre a propaganda em si, mas também a respeito do islamismo e sua relação com outras religiões e culturas.

Como a questão do preconceito se destaca no recorte discursivo, trazemos, antes de tudo, uma breve explicação baseada em conceitos sociológicos sobre o que é preconceito e como ele funciona em nossa sociedade. Depois, apresentamos as análises, relacionando os comentários com a questão do anonimato no ambiente virtual e manifestações de preconceito. Então, introduzimos a noção de autoria de Michel Foucault, e damos sequência à análise.

Preconceito: como enxergamos o outro

O conceito de *preconceito* foi elaborado por sociólogos norte-americanos para explicar o fenômeno do racismo. A definição de Allport (1954, *apud* Boudon *et al.*, 1990, p. 368) diz que preconceito é o juízo feito sobre um indivíduo ou grupo, sem experiência anterior ou análise. Assim, o preconceito está associado diretamente à noção de estereótipo, que nada mais é do que uma simplificação do real. A base é a generalização: a todos os membros de certo grupo são atribuídas as mesmas características, a princípio sem abertura para exceções. Estando ligado ao sistema de valores do sujeito social, o preconceito rebate qualquer tipo de informação contraditória: se você não tem determinada característica (característica excludente, que gera o ódio), então é uma exceção. O estereótipo, portanto, continua existindo mesmo com várias evidências de que ele seja uma mentira.

Para explicar o ódio gerado pelo preconceito, recorreremos às definições e relações de alteridade elaboradas nos últimos séculos conforme apresentadas por Seixas (2009). Segundo o autor, no começo da filosofia como a conhecemos, os gregos viam o outro como parte constituinte do eu. A natureza, os deuses e os humanos formavam uma só entidade e, por

isso, era necessário que se compreendesse tudo e todos para compreender a si mesmo. As contradições eram tomadas como algo normal, que deveria existir para que tudo se encaminhasse bem. A partir do Iluminismo, esse conceito mudou. Na chamada modernidade sólida (BAUMAN, 2001 e SEIXAS, 2009), onde se descobre que o mundo pode e deve ser transformado e que o homem tem esse poder nas mãos, surge a dualidade amigo/inimigo: olhando para o outro, para como ele se movimentava, quais eram suas idéias, o homem poderia dividir o resto da humanidade entre aqueles que eram seus amigos (mesmos princípios, mesmos objetivos, para ser acolhido) e seus inimigos (divergências que deveriam ser punidas com a exclusão). Dentro dessa dualidade não existe espaço para estranhos. Os amigos são definidos pelos inimigos e vice-versa: um não pode existir sem o outro. E sobre essa dualidade, o autor acrescenta:

O foco da tragédia moderna foi (e é) saber, nomear e identificar *em permanência*, aqueles – indivíduos, grupos e classes sociais, culturas, gêneros – que estariam dentro ou fora deste projeto, de caráter ambivalente em seu ponto de partida. Ou seja, como os homens perceberam a si mesmos como modernos e olharam os “outros”, que, também em permanência, deles se aproximavam, se afastavam, “se integravam”, se excluía ou eram excluídos. (SEIXAS, 2009, p. 75)

Nessa nova concepção, o sujeito busca lugares onde se fixar, onde deixar sua marca. Percebendo que outros indivíduos se colocam nos mesmos lugares, acaba por separar aqueles que estão ao seu lado e os que ficam de fora – os *outsiders* (em oposição aos “estabelecidos”). Aos *outsiders*, então, acabam sendo atribuídas várias características, exatamente o que gera o estereótipo. Norbert Elias (*apud* Seixas, 2009, p. 79) enumera os traços que configuram essa exclusão:

- A *coesão dos estabelecidos*, que faz com que até o menor dos estabelecidos sintam-se superior aos *outsiders*. Essa coesão cria um estilo de vida comum ao grupo, que determina também outros grupos de excluídos. Por exemplo, os brancos excluem os negros mas, dentro do grupo dos brancos, ainda tem a exclusão dos pobres.
- A *visibilidade de ambos*: entre um grupo e outro existem fronteiras bem demarcadas, bem mais simbólicas do que materiais (apesar de, no caso do *apartheid*, as fronteiras materiais também serem evidentes).
- Os *sentimentos morais distintos*: o *outsider* é visto, assim, como desprezível, desordeiro, um causador do caos, enquanto o estabelecido representa o que é certo, a ordem, o bom andamento do mundo.
- A possibilidade de, com o tempo, o *grupo outsider vir a se estabelecer*, como aconteceu, por exemplo, com a classe operária, ainda muitas vezes oprimida, mas com todas as características de um grupo estabelecido – inclusive a exclusão daqueles que não pertencem à classe.

A visão de alteridade contemporânea muda pouco se comparada àquela dos iluministas. Agora, o indivíduo, além de se colocar contra o outro, coloca-se contra si mesmo. Isso faz com que ele possa questionar valores e ter novas percepções. Porém, conforme Seixas, neste período, reconhecido como modernidade líquida (BAUMAN, 2001), outra característica comum aos indivíduos é a acomodação: a sociedade e sua capacidade de abafar o que for divergente. É mais seguro seguir um padrão já conhecido. Inclusive aqueles que tentam expor uma ideia nova acabam por serem minimizados:

O outro é representado e imaginado como aquele que incomoda, causa desconforto e com o qual não necessito mais negociar, pois é facilmente descartado, refugado; é por definição descartável. (...) A noção de sujeito – que confere sentidos à sua ação, à vida humana, e articula as identidades diversas do “eu” – é igualmente descartada, pois a reinar naturalizada a ideologia conformista da inexorabilidade capitalista..., “não há nada a fazer”, “não há alternativas”. (SEIXAS, 2009, p. 86)

Portanto, não tarda para que voltemos para a dualidade amigo/inimigo, inclusão/exclusão, que leva novamente ao preconceito e às reações movidas pelo ódio.

Fechando a reflexão sobre esse conceito, temos de pensar também no lado positivo do preconceito: a união. Enquanto exclui um grupo, o preconceito forma outros, tanto o lado dos estabelecidos quanto dos *outsiders*. Do ponto de vista sociológico, isso ajuda a criar e manter uma identidade coletiva, essencial na formação de identidade pessoal.

Análises

O corpus dessa pesquisa é composto por comentários feitos em dois sites, um de língua francesa (<http://www.7sur7.be/>) e outro de língua portuguesa (<http://oglobo.globo.com/>), sobre a propaganda da campanha “Mulheres contra a islamização” produzida na Bélgica no início de 2012. Foram selecionados os comentários que geraram respostas por parte de outros internautas ou que apresentaram uma contradição interna mais explícita. Seguindo a orientação metodológica de Courtine (2009), chamaremos a imagem da propaganda em questão de Sequência Discursiva de Referência (SDR) e os comentários, de Sequências Discursivas (SD). A propaganda exhibe a imagem de uma mulher vestindo um niqab – peça de roupa tradicional muçulmana - e biquíni, com a frase “*Liberdade ou Islã? Ouse escolher!*” escrita em tarjas.



SDR: Imagem da campanha “Mulheres contra a islamização”.

Fonte: http://static0.7sur7.be/static/photo/2012/15/4/7/20120202133635/media_l_4604437.jpg
acessado em 11/04/2012 às 20:45)

Apesar da relação entre cristãos e muçulmanos ser diferente nos dois países – Bélgica e Brasil – bem como a repressão política contra muçulmanos ser característica apenas do país europeu, os comentários feitos por internautas tiveram teores bem parecidos, tanto daqueles que se inscrevem em uma Formação Discursiva (FD) em defesa dos princípios islâmicos quanto os que se inscrevem em uma FD contra tais princípios.

Foucault (1986, p.43) define a Formação Discursiva como:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Já para Indursky (2007, p.78), a Formação Discursiva “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito”. Porém, essa formação não é homogênea: a heterogeneidade é constitutiva do discurso e da Formação Discursiva. Conforme ainda a autora (Ibid., p. 81):

saberes que não fazem parte de uma determinada FD, em um determinado momento e em uma dada conjuntura, passam a integrá-la, aí introduzindo a diferença e a divergência, o que está na origem da constituição heterogênea de qualquer FD.

A partir desse aspecto heterogêneo da FD será importante para as análises deste trabalho considerarmos o conceito de posição de sujeito, assim elaborado por Courtine (2009, p.88):

Concebemos, portanto, uma *posição de sujeito* como uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciator e o sujeito do saber de uma dada FD. Essa relação é uma relação de identificação cujas modalidades variam, produzindo diferentes efeitos-sujeito no discurso.

Sendo assim, é possível que em uma mesma Formação Discursiva tenhamos várias posições de sujeito.

Portanto, a contradição, o jogo entre o já-dito e o não-dito, elementos de uma Formação Discursiva se misturando a elementos de outra, são próprios do discurso – como veremos nos exemplos a seguir:

SD1:

les homosexuels ne choquent personne . les prostitués non plus . et pourquoi un simple voile dérange tout le monde?? . Nous sommes dans un pays libre alors libre à ceux qui le veulent de porter un voile!!!!!!²

(comentário de *amel jolie*)

Fonte: <http://www.7sur7.be/7s7/fr/1502/Belgique/article/detail/1388975/2012/02/02/La-fille-de-Filip-Dewinter-pose-en-bikini-et-niqab-pour-le-VB.dhtml> (Acessado em 07/04/2012 às 19:05)

SD2:

Quando vcs tem algo precioso,vcs saem pelas ruas exibindo pra todos?Normalmente não né?A gente cuida e protege.Pois no Islã é a mesma coisa,a mulher é como um diamante que deve ser protegido e cuidado com muito carinho,e não como uma peça de carne como a da foto acima.Outro exemplo simples:uma bala fechada (protegida com o papel) e a outra aberta.Qual vcs escolheriam?Logicamente a fechada pois a aberta perdeu seu valor. Sou revertida ao Islam, toda minha família é católica e portanto conheço os dois lados da moeda. Sendo muçulmana e me vestindo de forma modesta,sou muito mais respeitada por todos (pelos homens principalmente)quando ando na rua, na faculdade e no meu trabalho. (comentário de Lili Wardi)

Fonte: <http://oglobo.globo.com/blogs/pagenotfound/posts/2012/02/03/modelo-com-veu-islamico-biquini-causa-polemica-na-belgica-429875.asp> (Acessado em 23/03/2012 às 22:00)

2. “Os homossexuais não deixam ninguém chocados. As prostitutas também não. E por que um simples véu apavora todo mundo? Nós estamos em um país livre, liberdade para quem quiser usar o véu!”. Tradução nossa.

Notamos, a partir desses dois comentários, que existe uma tendência a fazer comparações para defender um ponto de vista. O primeiro comentário, feito no site belga, parte de um internauta que é a favor da liberdade de seguir os princípios islâmicos; ou seja, que se identifica com uma Formação Discursiva favorável ao Islã; comentando que em um país livre deve-se poder usar o véu islâmico. Para sustentar o argumento, o sujeito compara a aceitação social frente à homossexualidade e à prostituição com o escândalo que se faz diante de um “simples véu”. Ao fazer essa comparação e apresentar o véu como algo simples, o sujeito deixa implícito que a homossexualidade e a prostituição deveriam chocar a sociedade. Ou seja, articulado a um discurso pela liberdade, temos um discurso de preconceito.

O segundo comentário – feito em um site brasileiro – é elaborado por uma mulher muçulmana que embasa sua argumentação em metáforas e comparações, que expressam o modo como ela interpreta a imagem da propaganda. As comparações equiparam as mulheres muçulmanas com um diamante, enquanto apresentam as mulheres não-muçulmanas como pedaços de carne. A metáfora, por outro lado, funciona de uma maneira diferente, pois ela não compara, mas sim ressignifica uma palavra. A respeito da metáfora, Pêcheux (2011, p. 158) nos explica que:

não há, de início, uma estrutura sêmica do objeto, e em seguida aplicações variadas dessa estrutura nesta ou naquela situação, mas que a referência discursiva do objeto já é construída em formações discursivas (...) que combinam seus efeitos em efeitos de interdiscurso (...); a produção discursiva desses objetos “circularia” entre diferentes regiões discursivas, das quais nenhuma pode ser considerada originária.

É o que acontece quando o sujeito diz que a mulher muçulmana é “uma bala fechada” e a não-muçulmana é “uma bala aberta” – que

perdeu seu valor. É importante ressaltar aqui também como a autora do comentário, ao se identificar com os saberes de uma Formação Discursiva, ela rejeita aquilo que não pertence a essa FD.

Percebemos que, mesmo que estejam inscritos na mesma FD, os sujeitos das SD 1 e 2 não estão na mesma posição-sujeito, pois, apesar de ambos aceitarem o uso do véu, eles o veem em contraponto com Formações Discursivas diferentes: o primeiro opõe o véu islâmico com homossexualidade e prostituição; enquanto o segundo opõe o uso do véu e a prática de religião islâmica com a ausência dessa prática e os costumes vistos como liberais das mulheres não-muçulmanas.

Nas próximas duas sequências discursivas, podemos observar que parece haver uma tentativa por parte dos internautas de se mostrarem indiferentes (SD4) ou preocupados (SD3) com a situação da mulher muçulmana. Porém, o uso de certas palavras desfaz essa tentativa:

SD3:

Luciano, o problema não é o véu, mas a burqa, q é, sim, ultrajante e tão somente um símbolo da submissão feminina, q tem inúmeras consequências, assim como também é problema qdo isso é imposto, obrigatório, e não um direito. Se elas resolverem andar sem essa porcaria, certamente serão discriminadas, marginalizadas, isso quando não agredidas, violentadas, etc. (comentário de A Cerqueira)

Fonte: <http://oglobo.globo.com/blogs/pagenotfound/posts/2012/02/03/modelo-com-veu-islamico-biquini-causa-polemica-na-belgica-429875.asp>
(Acessado em 23/03/2012 às 22:00)

SD4:

*Elle a un beau corps mais dommage que l'on ai mis un sac poubelle sur sa tête. Mais quelle idée quand même...*³ (comentário de Belgian_Resistance Storm)

Fonte: <http://www.7sur7.be/7s7/fr/1502/Belgique/article/detail/1388975/2012/02/02/La-fille-de-Filip-Dewinter-pose-en-bikini-et-niqab-pour-le-VB.dhtml> (Acessado em 07/04/2012 às 19:05)

Na SD 3 vemos que o sujeito procura se mostrar preocupado com a situação em que vivem as mulheres muçulmanas, sofrendo agressões por usarem a burqa. Porém, para retomar a palavra “burqa”, ele utiliza a expressão “essa porcária”. Não muito diferente do caso da SD 4, onde o niqab é chamado de “saco de lixo” (“sac poubelle”). Mais uma vez, vemos a metáfora sendo utilizada – ressignificando a veste islâmica como porcária ou como saco de lixo. Os dois sujeitos, através dessas metáforas, mostram que se inscrevem em uma Formação Discursiva contra o uso do véu islâmico e, podemos dizer, contra o islamismo.

Em ambos os casos, percebemos que os sujeitos tentavam não demonstrar claramente seus pontos de vista sobre os princípios do islamismo – o internauta da SD 4 chega a diminuir a propaganda no fim de seu comentário. Mas essas duas palavras, dois pequenos deslizos, abriram margem para reconhecermos que os dois se inscrevem em uma Formação Discursiva que apresenta um discurso contra o uso obrigatório das vestes islâmicas.

Nas próximas sequências, não existem comparações ou tentativas de mascarar o preconceito:

3. “Ela tem um belo corpo, é uma pena que colocaram um saco de lixo em sua cabeça. Mas que ideia!”. Tradução nossa.

SD5:

O radicalismo é parte integral do islã....Essa religião é discriminatória, repressiva, vingativa, etc...Mulheres que defendem o islã, são masoquistas que tem prazer em serem submissas e agredidas pelas regras machistas e abusivas praticadas por essa religião. Viva a liberdade, sempre! (comentário de Elias Fernandes)

Fonte: <http://www.7sur7.be/7s7/fr/1502/Belgique/article/detail/1388975/2012/02/02/La-fille-de-Filip-Dewinter-pose-en-bikini-et-niqab-pour-le-VB.dhtml> (Acessado em 23/03/2012 às 22:00)

SD6:

Eles tentam meter o islamismo boca a baixo em todo o lugar que chegam. No país de vcs tudo bem, que seja governado da maneira que vcs quiserem, mas nos outros não. Respeitem para serem respeitados, é uma premissa básica. #naoislamismo (comentário de Cristiano)

Fonte: <http://www.7sur7.be/7s7/fr/1502/Belgique/article/detail/1388975/2012/02/02/La-fille-de-Filip-Dewinter-pose-en-bikini-et-niqab-pour-le-VB.dhtml> (Acessado em 23/03/2012 às 22:00)

Nas SD 5 e 6 percebemos os dois sujeitos se posicionando definitivamente contra a religião islâmica. No primeiro caso o sujeito parte do princípio de que muçulmanos – em especial as mulheres – não têm liberdade, pois sempre estão submetidos às regras da religião, que o sujeito define como machista e abusiva. Por outro lado, ele discrimina as mulheres que decidem por conta própria usar o véu, chamando-as de masoquistas, sem pensar que a liberdade também funcionaria nesse caso.

Já na SD 6, é posta a questão da intervenção cultural dos muçulmanos. Para o sujeito, o uso do véu é uma tentativa de forçar o islamismo em outras culturas. Enfim, ele diz que “no país de vocês tudo bem”, mostrando que não compreende o islamismo como uma religião, mas uma nacionalidade,

como se não houvesse muçulmanos em todos os países. No final de seu comentário, ele adiciona uma *hashtag* (recurso de busca que funciona apenas no twitter, mas serve de recurso estilístico em outras redes sociais) que não deixa dúvidas sobre a FD em que ele se inscreve.

A partir de agora vamos discutir sobre como a autoria se dá na internet, e como a possibilidade de anonimato no ambiente virtual e as formas de expressar preconceito se vinculam.

Autoria e anonimato na internet

A respeito da questão da autoria, cabe ressaltar a diferença entre a noção de função-autor e o nome do autor. Foucault (1992) afirma que a função-autor é uma das especificações da função-sujeito. Já Gallo (2001), ao desenvolver o conceito de função-autor, explica que o processo de autoria envolve dar ao discurso um efeito de fecho, de unidade. Ainda que o discurso se inscreva em uma Formação Discursiva dominante, a função-autor traz argumentos de outras FD e os organiza para formar um texto com efeito de coesão e de coerência, sem que nenhuma outra FD ofusque a importância da dominante.

A partir da identificação do sujeito com uma FD é que ele toma para si a responsabilidade pelo que diz. Nesse sentido, Foucault (1992) também aborda a questão do nome próprio, que a princípio indicaria quem é o autor do discurso, mas que acaba sendo mais do que uma indicação. Ele pode funcionar, inclusive, como uma descrição daquele que assina. Se pensarmos, como no exemplo dado por Foucault, no nome de William Shakespeare, veremos que não é apenas o sujeito que está sendo mencionado, mas sim suas peças, seus personagens, sua obra e especialmente o impacto e as mudanças que o seu nome trouxe para a literatura. O nome do autor, nesse caso, reúne uma porção de discursos em comum.

No entanto, se analisarmos o ambiente virtual, veremos que nele o nome do autor pode não significar tanto. Assinar ou não assinar, por exemplo, o comentário em um blog, é irrelevante para o autor, assim como expor ou não seu nome próprio. É só pensarmos que, ainda que alguém use seu nome verdadeiro, os sites não exigem nenhuma comprovação da identidade do sujeito. Assim, colocar seu nome próprio em um comentário maldoso ou ofensivo na internet – que pode se perder no meio de tantos outros – não tem o mesmo peso que assinar um livro que vai circular nas estantes das livrarias.

A responsabilidade do autor, portanto, é posta em questão. Mesmo em blogs em que todos os posts são assinados pelo mesmo nome, aquele pode não ser evidentemente o nome próprio verdadeiro do autor, ou pode ter muitas pessoas assinando com o mesmo nome. Não se pode definir quem é exatamente o sujeito por trás do nome, e a relação dos textos do blog com textos em outras mídias virtuais (mensagens no facebook, tweets, comentários em outros sites) não é tão óbvia quanto aquele que existe entre as várias peças de Shakespeare e seu nome.

O anonimato na rede, portanto, não acontece apenas quando há a possibilidade de marcar a opção “Anônimo” na caixa de envios de comentários nos sites. O internauta pode aproveitar essa comodidade para apresentar-se, então, como o que não poderia ser na vida real e agir sem temer as consequências que seus atos teriam fora da rede:

A grande vantagem e o atrativo da Internet são permitir que relações sociais se desenvolvam sem o empecilho do corpo físico e de contingências geográficas. A facilidade aí é mais do que puramente prática. É psicológica e social. No entanto, o que é importante aqui é a percepção de que, nestas situações, só se esconde o que é físico. (CRUZ, 2001, p.79)

Do ponto de vista da Análise do Discurso, podemos afirmar que – como mostramos nas análises anteriores – as identificações e posições assumidas são o que se mostra na materialidade linguística, no caso dos comentários.

Nas análises a seguir vamos ver como a possibilidade de omitir seus dados reais pode interferir nos comentários feitos em relação à propaganda contra o islamismo com que estamos trabalhando.

Análises

Nos comentários do site francês, são poucos os internautas que dão seu (suposto) nome próprio. Nos escolhidos para essa análise, apenas dois se identificam – *Amel Jolie* e *Laurent Calomne*, adicionando também seus lugares de origem. O site permite que eles se identifiquem somente por abreviações – s.s. – ou, ainda, por apelidos – *Belgian_Resistance Storm*. Com esse último exemplo, podemos ver que utilizar o nome próprio ou não, acaba por não ser importante para identificarmos um posicionamento do autor, mas o apelido pode revelar tal posicionamento. O comentário de *Belgian_Resistance Storm* (SD 4) – analisado anteriormente – é curto, mas significativo. O autor, em seu apelido, faz referência à resistência formada pelos belgas contra o nazismo, fazendo com que aqueles que reconhecem o movimento histórico o enquadrem nesse grupo. Porém, em seu comentário, o autor rompe com o conceito de liberdade do grupo com que se identifica, referindo-se ao véu da modelo como “saco de lixo”. Podemos pensar, também, a que tipo de resistência ele está se referindo, já que ele mesmo pode não conhecer o movimento histórico. Talvez, uma resistência ao islamismo.

No site brasileiro, pelo contrário, os internautas parecem sentir maior liberdade para usarem o que seriam seus nomes próprios⁴ – nos

4. É claro que nunca teremos certeza se o que parece um nome próprio é um apelido inventado, ou vice-versa.

exemplos da análise, apenas um deles usou o formato de apelido. O comentário (SD 3) de A Cerqueira (que pode ser, também, a abreviatura do primeiro nome mais o sobrenome do sujeito) é repleto de contradições: o internauta acusa a burqa de ser o grande problema no traje das mulheres muçulmanas, afirmando que por causa dela essas mulheres são discriminadas, marginalizadas e violentadas, mostrando certa preocupação especialmente com aquelas que não vestem a burqa por opção, mas sim por obrigação. Porém, a solução que o sujeito encontra é que as mulheres parem de usar o que ele chama de “porcaria” – falando a partir de seu próprio preconceito para supostamente protegê-las do preconceito.

O comentário de A Cerqueira (SD 3) é uma resposta a um comentário anterior. Este é também o caso, no site belga, do sujeito que se identifica como Laurent Calomne, que começa seu comentário fazendo referência à Amel Jolie (autora de um comentário anterior, que analisamos na SD 1):

SD7:

*A Amel Jolie : La liberté de porter le voile chez nous ? Ok... A partir du moment où les femmes chez eux ou nous en visite, seront libres de voyager en rue tête nue, en short ou mini-jupe ! En attendant, ils sont venus chez nous qu'ils acceptent notre façon de vivre et ne nous imposent pas la leur!*⁵ (comentário de Laurent Calomne)

<http://www.7sur7.be/7s7/fr/1502/Belgique/article/detail/1388975/2012/02/02/La-fille-de-Filip-Dewinter-pose-en-bikini-et-niqab-pour-le-VB.shtml> (Acessado em 07/04/2012 às 19:05)

5. À Amel Jolie: a liberdade de usar o véu em nosso país? Ok... a partir do momento em que as mulheres do país deles nos visitam, estarão livres para andar com a cabeça descoberta, de bermuda ou mini-saia! Se eles vieram ao nosso país, que aceitem nossa forma de viver, e não nos imponham a deles!”. Tradução nossa.

Os dois comentários – de A Cerqueira e Laurent Calomne – são marcados por expressões violentas e um tom de imposição. Laurent Calomne parece sentir que o islamismo é uma ameaça ao modo de viver belga e afirma que a liberdade que se deve ter em seu país é a de se portar como alguém deste lugar – usando saias e de cabeça descoberta. Isso nos faz pensar se os dois internautas, fora do mundo virtual, conseguiriam interpelar alguém desse modo, com esse mesmo tom. Se estivessem sem a proteção e a comodidade que o anonimato virtual traz, os dois se veriam expostos a outro conjunto de regras sociais, sabendo que suas palavras seriam com certeza ouvidas e que não seriam esquecidas por quem as ouvisse, ao contrário das possibilidades da interação nos comentários de um blog.

Considerações finais

Podemos observar, no caso das sequências discursivas analisadas, que o anonimato oferecido pelo ambiente virtual não interferiu no processo de autoria, e também não dificultou a identificação de quem é o autor, pois esse conceito, para a Análise do Discurso, é uma função entre outras que o sujeito pode assumir. Não se trata de pensar quem é o sujeito empírico por trás do discurso, mas, através das marcas que ele deixa em seu texto podemos identificar, por exemplo, em qual ou quais Formações Discursivas ele se inscreve. Ou seja, analisamos o sujeito do discurso.

Assim como o anonimato permite que um sujeito se aproprie dos textos escritos por outro, também permite que ele sinta maior liberdade para expor, se não sua intimidade, ao menos suas opiniões – sem pensar se essas são ou não ofensivas. Vemos nos últimos tempos que a quantidade de crimes virtuais aumentou consideravelmente, inclusive exigindo a criação de artigos na lei especialmente para puni-los. O *cyberbullying*, o *stalking* virtual e a invasão de computadores ganharam recentemente seu próprio lugar na legislação brasileira. Mas manifestações de ódio e preconceito, como

as constatadas nas análises desse trabalho, continuam ainda impunes. Em parte, talvez, porque é difícil e trabalhoso localizar cada um dos sujeitos. Mas também porque elas são cada vez mais frequentes: quando o sujeito é apresentado ao ambiente virtual, a sensação de que ali não será reconhecido ou julgado abre espaço para que ele possa expressar ao máximo o que quiser, sem pensar em qualquer consequência judicial.

Ressaltamos, enfim, que essas análises são feitas a partir de um pequeno recorte, e que poderíamos chegar a outras conclusões a partir de outras sequências discursivas – esse não é, afinal, um tema que possa ser esgotado.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt (2001). *Modernidade Líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BOUDON, Raymond [et al] (1990). *Dicionário de Sociologia*. Tradução de António J. Pinto Ribeiro. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- COURTINE, Jean-Jacques (2009). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Cristina de C. V. Birck [et al.] São Carlos, EdUFSCar.
- CRUZ, Luiza (2001). A questão do anonimato no ciberespaço: o alter nem tão anônimo assim. *Logos* 14: 78-81. Disponível em: <http://www.logos.uerj.br/PDFS/antiores/logos14.pdf#page=78>
- FOUCAULT, Michel (1992). *O que é um autor?* Tradução de José A. Bragança e António Fernando Cascais. Lisboa, Passagem.
- _____. (1969). *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz F.B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986. Tradução de: *L'archéologie du savoir*.
- GALLO, Solange (2001). Autoria: questão enunciativa ou discursiva? *Linguagem em (dis) curso* 2: 61-70.
- INDURSKY, Freda (2007). Formação Discursiva: essa noção ainda merece que lutemos por ela? In: FERREIRA, M.C.; INDURSKY, F. *Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos, Claraluz.

LA FILLE DE FILIP DEWINTER POSE EN BIKINI ET NIQAB POUR LE VB. Disponível em: <http://www.7sur7.be/7s7/fr/1502/Belgique/article/detail/1388975/2012/02/02/La-fille-de-Filip-Dewinter-pose-en-bikini-et-niqab-pour-le-VB.dhtml>

MOREIRA, Fernando. Modelo com véu islâmico e biquini causa polêmica na Bélgica. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/pagenotfound/posts/2012/02/03/modelo-com-veu-islamico-biquini-causa-polemica-na-belgica-429875.asp>

MITTMANN, Solange (2007). Discurso e texto; na pista de uma metodologia de análise. In: FERREIRA, M.C.; INDURSKY, F. *Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos, Claraluz, pp. 153-162.

PÊCHEUX, Michel (2011). *Análise de Discurso*. Tradução de Eni P. Orlandi [et al]. Campinas, Pontes.

SEIXAS, Jacy Alves de (2009). A imaginação do outro e as subjetividades narcísicas: um olhar sobre a in-visibilidade contemporânea [o mal-estar de Flaubert no Orkut]. In: NAXARA, M. R. C. [et al]. *Figurações do outro na história*. Uberlândia, EDUFU, pp. 63-88.